

“Tudo na Vida Passa”: a Diacronia entre *Remakes* e Versões Originais de Novelas¹Dinarte VARELA²Flávia Lúcia SANTANA³Íris MACHADO⁴Vinícius MARANTZ⁵

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

RESUMO

A década de 2010 marcou o início da “maré” de refilmagens de produções consolidadas na teledramaturgia brasileira. Nesse contexto, a migração para o *streaming* e a transformação do perfil do consumidor de novelas impulsionou as emissoras de TV a recorrerem aos *remakes* como modo de somar o saudosismo do público às demandas por pautas de interesse social. Planeja-se, a partir disso, comparar o roteiro da exibição original de novelas com a dos respectivos *remakes*, por meio da análise das alterações na telenovela “Elas por Elas” (TV Globo), transmitida pela primeira vez em 1982.

PALAVRAS-CHAVE: novelas; *remakes*; televisão; público; cultura participativa.

INTRODUÇÃO

Quem define quem: o meio ou o receptor? Ou melhor, há realmente uma separação entre os dois, se um, na percepção de McLuhan (1974), é uma extensão do outro?

Como o meio determina a proporção e a ordenação das ações e associações sociais, é a audiência a responsável pela interpretação do “conteúdo” disponibilizado. Ela recorre a um repertório sociocultural prévio, embasado em parâmetros e sistemas de valores individuais, para captá-lo da forma desejada. Nas palavras do autor, “o usuário é o conteúdo”, capacitado a particularizar o material veiculado, a transportar-se no espaço e no tempo através do meio e a produzir a maior parte das representações midiáticas.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos de Televisão e Televisualidades, evento integrante da programação do 24º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 8 a 10 de maio de 2024.

² Professor do Curso de Jornalismo da UFPB, email: dinarteb@gmail.com.

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: flavia.lucia@academico.ufpb.br.

⁴ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: dfmm@academico.ufpb.br.

⁵ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPB, email: vinicius_marantz@academico.ufpb.br.

Jenkins (2009) aperfeiçoa esse pensamento ao tratar da relação mídia-consumidor na era da convergência. Para Jenkins, a convergência corresponde ao fluxo de informações desenvolvido a partir das tecnologias midiáticas, no qual todos contribuem com o processo comunicativo e assumem tanto o papel de emissores quanto de receptores. Assim, surge a “cultura participativa”.

Essa participação popular se manifesta, em particular, na teledramaturgia brasileira. Afinal, uma novela não detém uma narrativa estática, “fechada”, mas um roteiro capaz de ser adaptado conforme à opinião da audiência ao longo da exibição da trama. Mais do que isso, de acordo com Lopes (2009), a novela se tornou “[...] uma forma de narrativa sobre a nação e um modo de participar dessa nação imaginada”, um Brasil semi-ficcional interligado por laços sociais, culturais e pedagógicos.

Este trabalho corresponde a uma análise da transmissão original e do *remake* de uma obra, a partir de um estudo da telenovela “Elas por Elas”, exibida pela TV Globo em 1982 — três anos antes do fim da Ditadura Militar (1964-1985) — e reformulada em 2023. Pretende-se, nesse contexto, estabelecer as principais características presentes no perfil do consumidor da convergência enquanto reflexo da esfera social brasileira.

O RETORNO DE OBRAS CONSAGRADAS ATRAVÉS DOS *REMAKES*

Holdsworth (2011) define como *safe return* a garantia do “retorno seguro”, ou seja, a constante recirculação de produções audiovisuais, a exemplo de *reprises* e *remakes*, realizados com frequência e em diferentes meios. Esse retorno também está ligado ao valor comercial e a familiaridade do público com o formato e a trama:

Produtores de mídia e anunciantes falam hoje em “capital emocional” ou “lovemarks”, referindo-se à importância do envolvimento e da participação do público em conteúdos de mídia. Roteiristas e outros criadores pensam na narrativa, hoje, em termos da criação de oportunidades para a participação do consumidor. Ao mesmo tempo, os consumidores estão utilizando novas tecnologias midiáticas para se envolverem com o conteúdo dos velhos meios de comunicação, encarando a Internet como um veículo para ações coletivas – solução de problemas, deliberação pública e criatividade alternativa. (JENKINS, 2009).

De fato, uma novela é sempre retrato da sociedade atual. No entanto, o que explica a crescente onda de *remakes* realizados nos últimos anos, em especial pela Rede Globo?

Revisitar uma obra consagrada e a apresentar com produção modernizada para novas gerações, na intenção de fisgar o público consumidor por meio da memória

afetiva, tem sido uma das alternativas para lidar com o aumento da popularização dos *streamings*. O Grupo Globo adotou a estratégia de lançar no serviço de *streaming* Globoplay o principal carro chefe da empresa: as telenovelas. Apesar disso, com a necessidade de atrair o público para a TV aberta, a Globo passou a produzir *remakes* de enredos de sucesso, na tentativa de atingir o saudosismo da audiência.

Urichio *apud* Lima (2021) atribui esse “êxodo analógico” à flexibilidade no consumo de conteúdos *on demand*, os quais permitem ao público a liberdade de construir a própria grade de programação conforme os interesses de cada um. Novos segmentos de consumidor, por conseguinte, exigem novas práticas de representação. Dessa maneira, a Globo investiu na cultura participativa, ao estabelecer um elo transmidiático entre as redes sociais e a TV descrito por Fechine como capaz “[...] de reiterar e repercutir conteúdos das telenovelas entre plataformas [...]” (FECHINE, 2011).

Hoje, as mídias sociais constituem instrumentos de disseminação de discursos, espaços de mobilização política abertos à pluralidade de vozes e ambientes de reivindicação de minorias. A repercussão de temas de importância social, nesse cenário, impulsionou a abordagem de questões e pautas da sociedade atual em tramas já consagradas da empresa, a fim de se aproximar do consumidor. Isso, ao lado do caráter adaptável da narrativa televisiva, permite alterar os rumos da história a depender da interação do público, principalmente nas redes sociais, em tempo real.

Logo, se a telenovela retrata a cultura e a identidade do país, o telespectador também se sente parte integrante da trama, como apresenta Lopes (2014).

A NOVELA ELAS POR ELAS

A versão original de “Elas por Elas”, escrita por Cassiano Gabus Mendes e dirigida por Paulo Ubiratan, conta com 173 capítulos exibidos de 10 de maio a 26 de novembro de 1982 na faixa das 19h pela TV Globo. O *remake* estreou em 25 de setembro de 2023, dirigido por Amora Mautner, com adaptação dos autores Thereza Falcão e Alessandro Marson. Dessa vez, a trama passou a ser transmitida às 18h na emissora.

Nesse ângulo, uma das diferenças mais notáveis nas duas versões atravessa a representatividade entre as sete protagonistas. Na primeira exibição, a novela era

protagonizada por sete mulheres hétero, cis e brancas. Por outro lado, no *remake*, duas atrizes negras, uma mulher transgênero e uma personagem lésbica integram o grupo.

Essa representação também alcança as posições de poder que as personagens ocupam: enquanto Taís (Késia Estácio), por exemplo, destaca-se como uma modelo negra bem sucedida no *remake*, na versão de 1982, Wanda — equivalente a Taís e interpretada pela saudosa Sandra Bréa — assumia o cargo de secretária. Taís é um ícone da beleza e da moda, algo impensável em uma novela dos anos 80.

Com certeza, o grande destaque do elenco está na personagem Renée (Maria Clara Spinelli). Primeira protagonista transgênero da história das telenovelas brasileiras, Renée é mãe de família e dona de uma padaria. Casada e com dois filhos, ela leva um golpe do marido e decide vender sonhos para sustentar a família.

Colocar uma personagem trans em uma trama cotidiana, de apelo popular da novela, abriu vários debates sobre o tema. Por que não temos mais mulheres trans em espaços como esse nas novelas? Ou até mesmo em outras produções?

Um dos casos mais conhecidos é o do casal Adriana e Jaime/Jonas, que não ocorreu na versão original. Adriana, interpretada em 1982 por Esther Góes, era o grande amor da vida de Jaime, vivido por Carlos Zara. Mas, para viverem esse amor, Jaime precisaria se separar de Helena (Aracy Balabanian). Naquela época, o divórcio não era algo bem visto e o romance foi censurado devido à Ditadura Militar. Os novos tempos permitiram que Adriana ficasse com Jonas (Mateus Solano) e levasse o enredo para outro rumo.

Outro exemplo é como são retratadas as mulheres solteiras mais velhas. Na versão de 1982, logo no primeiro capítulo, Márcia (Eva Wilma) fala com um certo desprezo de uma mulher solteira e é repreendida por Wanda. Além disso, Marlene (Mila Moreira), constantemente cobrada por não estar casada, é retratada como se estivesse do lado “errado” da situação. No *remake*, não ocorre nenhuma menção relacionada a esse tópico.

Acontecimentos que não agradaram o público na primeira exibição, desse modo, podem ser reescritos e adaptados aos novos tempos. Os *remakes* surgem para corrigir os principais problemas das versões originais, conforme relata a atriz Isabel Teixeira, em entrevista à Folha de São Paulo: “Às vezes eu ficava constrangida vendo a primeira versão. Havia coisas que não cabem mais”.

O próprio Globoplay alerta, no início dos episódios da novela de 1982, que a obra “reproduz comportamentos e costumes da época em que foi realizada”. Hoje, na tela da TV, Natália (Mariana Santos) confessa o amor pela amiga Carol (Karine Teles), um romance impensável décadas atrás, vista à censura da época. Se as duas terão um relacionamento, ainda é incerto — no entanto, como as telenovelas são obras abertas, elas terminarão juntas, uma vez que a opinião popular está do lado do casal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de uma comparação entre a versão original e o *remake* de “Elas por Elas”, o presente trabalho analisou como a demanda do público por representatividade e tramas acerca das lutas e vivências da sociedade atual é responsável pelas mudanças nas histórias e personagens de telenovelas.

Na época em que “Elas por Elas” foi transmitida pela primeira vez, o governo interferia nos rumos da trama e nas demais manifestações artísticas. Ainda assim, a Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) elegeu a novela de 1982 como a melhor do ano. Cassiano Gabus Mendes, além disso, conquistou o prêmio de melhor texto de novela.

Nota-se, portanto, o papel das mídias digitais na discussão de temas de relevância social. Isso posto, a relação transmidiática entre as emissoras de televisão e a audiência amplia o diálogo e redimensiona a contribuição do telespectador nas novelas. Com efeito, o consumidor da convergência não só sabe o que quer, mas também *como* quer, ao participar da execução do produto final.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA RODRIGUES LIMA, Cecília. Telenovela e controvérsias: Públicos mobilizados em torno de “A Força do Querer”. **Triade: Comunicação, Cultura e Mídia**. Sorocaba, SP, v. 9, n. 21, p. 168–195, 2021. DOI: Disponível em: <https://periodicos.uniso.br/triade/article/view/4061>. Acesso em: 04 mar. 2024.

BRAGA, Adriana. McLuhan entre conceitos e aforismos. **Alceu**, Rio de Janeiro, vol. 12, n. 24, 48-55. Disponível em:

<http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=427&sid=36>.
Acesso em: 04 mar. 2024.

ELAS por Elas. Direção de Paulo Ubiratan. Rio de Janeiro: Globo, 1982. Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/elas-por-elas-1982/t/ZL5JfSZB2v/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

ELAS por Elas. Direção de Amora Mautner. Rio de Janeiro: Globo, 2023. Disponível em:
<https://globoplay.globo.com/elas-por-elas/t/GGyTcTCsT6/>. Acesso em: 04 mar. 2024.

FECHINE, Yvana. Transmídiação e cultura participativa: pensando as práticas textuais de agenciamento dos fãs de telenovelas brasileiras. **Contracampo**, v. 31, n. 1, ed. dezembro-março ano 2014. Niterói: Contracampo, 2014.

LUIS, Guilherme. Remake 'Elas por Elas' tem protagonista trans e injeta feminismo à novela original. Folha de S. Paulo. Disponível em:
<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2023/09/remake-elas-por-elas-tem-protagonista-trans-e-injeta-feminismo-a-novela-original.shtml>. Acesso em: 27 mar 2024.

HOLDSWORTH, Amy. **Television, memory and nostalgia**. London: Palgrave Macmillan, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LOPES, M. I. V. de. Memória e Identidade na Telenovela Brasileira. **Compós**. Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. XXIII Encontro Anual da Compós. Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.